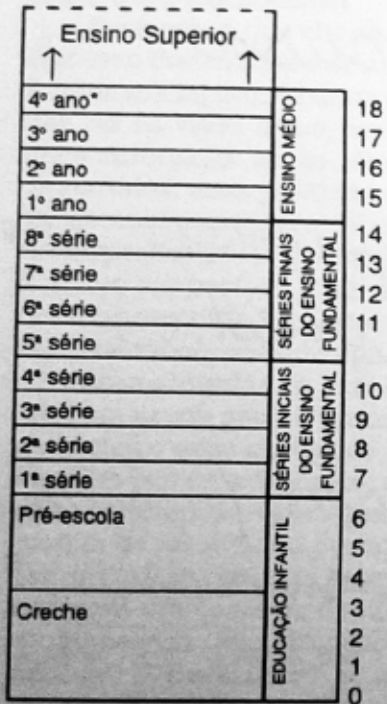


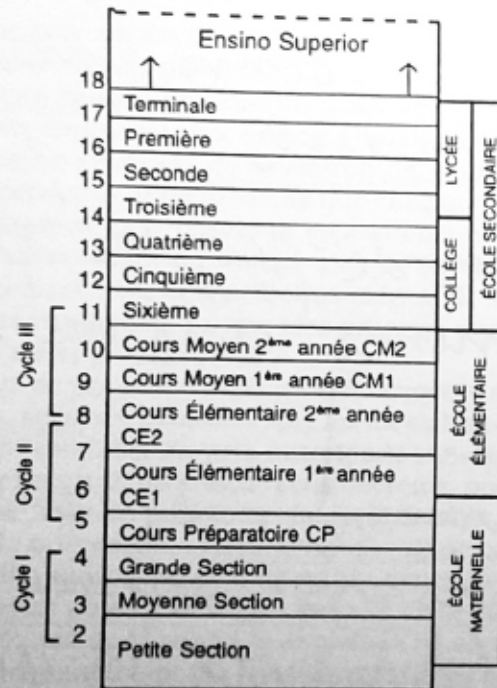
Os sistemas brasileiro e francês de educação: equivalência de níveis

Fonte: adaptado por Magda Soares. Apresentação à Edição Brasileira do livro *Ler e escrever: entrando no mundo da escrita*, de Chartier, A.-M.; Clesse, C.; Hébrard, J. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1996.

Sistema educacional brasileiro



Sistema educacional francês



* Refere-se aos cursos técnicos de nível médio.

BOUTINET, Jean-Pierre. "Antropologia do Projeto"

Prefácio

DOS MECANISMOS DE IDEALIZAÇÃO E DE SUA PATOLOGIA NAS CONDUTAS DE PROJETO

Esta edição, publicada dois anos depois das três primeiras, traduz o entusiasmo atual em torno das condutas de projeto, condutas finalizadas que buscam imprimir um sentido à ação que antecipam, quer essa ação venha de indivíduos isolados, de grupos ou de conjuntos sociais mais amplos. O sentido a ser promovido visa a conjurar os caprichos de um meio percebido muitas vezes como impositivo e turbulento. Tal entusiasmo, ou seja, tal busca de sentido, encontra-se ilustrado na bibliografia suplementar acrescentada à segunda, terceira e quarta edições; será possível constatar facilmente que essa bibliografia diz respeito a inúmeras referências ligadas aos múltiplos aspectos do projeto, mas cuja maioria foi publicada nos últimos três ou quatro anos.

O projeto como sintoma

Essa voga do projeto em um mesmo movimento abarca as condutas identitárias, as condutas criativas e inovadoras, as condutas preocupadas em se dizerem significantes, as condutas aptas a se reconhecerem autônomas, todas elas tendo formulações que tentam aproximar-se daquilo que mais ou menos confusamente, em uma espécie de magia verbal, designamos por projeto. Trata-se então de saber o que pode significar tal voga que admite certamente uma pluralidade de leituras que nosso estudo já se esforçou por esclarecer. Contudo, privilegiaremos nesse propósito recapitulativo uma hipótese complementar que, mesmo não

sendo exclusiva, parece-nos cada vez mais pregnante em relação à atualidade; essa hipótese nos remete ao sintoma de uma patologia das condutas de idealização das quais nosso meio cultural parece ser a marca; essas condutas, por não se deixarem guiar por uma grande inspiração suscetível de transcender a multiplicidade dos empreendimentos que surgem aqui e acolá, transformaram-se freqüentemente apenas na bricolagem de pequenos ideais locais individualizados e portáteis; para fazê-lo, os atores se põem avidamente à procura de um modo de usar apropriado à confecção desses ideais.

Portanto, o que chamamos hoje em dia de "culturas de projeto" traduz essa mentalidade de nossa sociedade pós-industrial preocupada em fundar sua legitimidade no esboço de suas próprias iniciativas ou daquilo que faz as vezes disso, em uma época na qual essa legitimidade não é mais outorgada; assim, desenvolve-se diante de nossos olhos, em todos os sentidos, uma profusão de condutas antecipadoras que chegam perto da obsessão projetiva. Encontramos essa obsessão especialmente nos novos profissionais que são os conselheiros de projeto: quando se dirigem a atores em posição frágil e precária, esses conselheiros exigem de seus orientandos uma lucidez e uma transparência que eles próprios muitas vezes são incapazes de aplicar a seu próprio devir!

Essa abundância excessiva de projetos é mais particularmente sensível em nosso país, o primeiro, segundo sabemos, que fez da elaboração de projetos uma obrigação legal estabelecida pela autoridade legislativa em suas leis de orientação, ou executiva, através de seus decretos, portarias, notas de serviço... quer se trate do projeto de estabelecimento, do projeto de serviço, do projeto de orientação... Essa obrigação de se colocar em criatividade se assemelha muitas vezes à figura da denegação e expressa uma espécie de nonsense através da busca forçada de sentido: evoluímos em uma situação próxima do absurdo, já analisada há alguns anos por Y. Barel (1987, p. 322), quando evocava nosso problema de uma transcendência que não consegue mais se impor espontaneamente, transcendência que o corpo social, por sua vez, revela-se incapaz de suscitar. Cabe então a cada um, através de seu projeto, confeccionar sua própria transcendência, correndo em seguida o risco de perceber que essa pequena transcendência, necessária sem dúvida, revela-se afinal decisória por não poder buscar sua inspiração em um laço social indutor que falta presentemente.

Alguns desvios patológicos característicos

As condutas de projeto revelam um contexto cultural, justamente aquele de culturas de projeto que, por razões que devem ser arroladas, leva a uma incompreensão, até mesmo a uma má utilização dos proces-

sos de idealização.¹ Nossa inabilidade para dominar esses processos não deixa de provocar desvios patológicos, aqueles que se desenvolvem diante de nossos olhos quando recorremos a um uso intempestivo do projeto ou daquilo que o substitui. Atualmente, é indispensável classificar esses desvios a fim de compreender melhor como um regulador psicológico e cultural, o projeto, pode transformar-se em desregulador social, como um imaginário sempre apresentado como imaginário criador e emancipador que se transmuta em seu inverso, um imaginário enganoso e alienante. O engodo poderá, em função das situações, recair sobre os amanhã idealizados que o indivíduo entrevê para si próprio, sobre a capacidade de reconciliação e de harmonia que um grupo ou uma organização seriam capazes de desenvolver através de suas iniciativas, sobre a ação concebida como perfeitamente controlável em seu desenrolar, enfim, sobre o objeto mágico visado pelo projeto. Sem pretender à exaustividade, identificaremos aqui sete desvios característicos daquilo que observamos hoje quando o projeto se manifesta por um uso desviado ou, no mínimo, abusivo.

a) Primeiro desvio: aquele da desilusão ou da injunção paradoxal, que leva os fora-de-projetos de nossa cultura (jovens mal-escolarizados, desempregados no final de seus direitos, profissionais em reconversão problemática) a arquitetar para si mesmos um projeto que, na maior parte do tempo, não poderão realizar por diferentes razões, as quais se devem tanto às especificidades de sua história pessoal quanto às possibilidades limitadas oferecidas por seu meio: razão, para pessoas que já se encontram em situação precária, dos riscos de ilusão e, portanto, de desilusão em relação a um futuro rápido e artificialmente idealizado. Instala-se, então, um tédio de nada, oriundo dessa distância impossível de preencher entre a abstração de um desejo e a realidade (Huguet, 1984), se não der lugar a uma surda revolta; assim ocorre com uma problemática (criatividade programada) sob medida e de fora com os resultados decepionantes que se pode presentir de antemão.

É nesse contexto que se deve situar, para elucidar os efeitos das medidas ligadas à orientação escolar ou à inserção profissional quando essas operam um desvio obrigatório pelo projeto. Tais efeitos correm o risco de carregar o ator que projeta para uma desventura, a qual se desenvolve em consequência de uma impossível relação com a categoria do ideal.

b) Segundo desvio: aquele da hipomania ou da obsolescência do tempo, ao qual sucumbem indivíduos e organizações sensíveis à ação e à eficácia. Os dossiês contendo um esquema diretor, um projeto de investimento, um projeto de desenvolvimento sucedem aos dossiês em finalização relativos a uma iniciativa anterior, cuja pertinência ainda deve ser de-

monstrada. A mania do projeto nos conduz a um fluxo incessante de iniciativas através de uma fuga para o inexistente, que apresenta todas as virtudes em relação ao presente. Tal fuga acarreta uma desvalorização da ação que se deixa aniquilar pelo ativismo, quando o que conta não é mais a coerência e a pertinência do empreendimento feito, mas a capacidade de esboçar novos empreendimentos.

Assim ocorre com a seqüência sem fim de projetos que substituem uns aos outros, produzindo cada um sua própria organização e, portanto, seu próprio dinamismo para se desfazer uma vez realizado, dando lugar a novos projetos. A (gestão por projetos) é característica desse procedimento, quer sejam os grandes projetos de ordenação no nível de uma região ou de um Estado, ou os projetos setoriais de equipamento no seio de uma coletividade local ou de uma empresa. Essa gestão precipita o tempo vivido; ela o fragiliza e introduz-nos no reino do efêmero: os projetos, apesar de suas amplitudes, não poderiam possibilitar nenhuma resistência, pois escapam-nos através de suas fugas inexoráveis rumo a uma realização que, pela própria situação, irá aniquilá-los e projetar-nos em direção a novas iniciativas igualmente inapreensíveis. Razão do aparecimento, cedo ou tarde, de um sentimento absurdo diante desse *nonsense* que a referência incontornável a uma certa "idéia de progresso" encerra. Sem dúvida, é nesse contexto que se deve compreender o enigmático conselho dado há 50 anos por G. Bataille (1943): "Como sair por meio de um projeto do domínio do projeto?" E o próprio autor tomava o cuidado de acrescentar: "Eu me atenho ao projeto nas coisas secundárias!"

c) Terceiro desvio: aquele do mimetismo ou da cópia exata que caracteriza um grande número de projetos. Estes, por serem mais ou menos impostos do exterior, não têm tempo de explorar ao máximo o que faz a singularidade da situação na qual supostamente se enxertam; forçados a elaborar em projetos prontos para uso, os atores, ao invés de levarem esse longo tempo indispensável para induzir da situação todo o ineditismo que ela encerra, introduzem maciçamente em seus projetos um grande número de elementos de empréstimo estranhos a eles. O mimetismo frequentemente reduz o projeto a uma cópia exata de uma obrigação administrativa, na qual o "introduzido" sobrepuja amplamente o "induzido", chegando a negá-lo. Nessa perspectiva, os projetos se tornam então intercambiáveis, engendrando essa prática inativa denunciada por J.-P. Sartre cada vez que a ação, ou melhor, a práxis se reifica.

d) Quarto desvio: aquele do narcisismo ou da auto-suficiência pela negação do laço social. Cada projeto, ou mais precisamente, o autor que o encarna, tende a ser auto-suficiente: ele expressa o produto do narcisismo inscrito no coração do indivíduo ou da organização; sua própria lógica, como aquela dos atores que o promovem, pretende ser autônoma em re-

lação ao meio social e só prestar contas às instâncias de avaliação previstas pelos próprios autores para esse fim. Desse modo, cada um assume o risco de se fechar em seu próprio projeto sem se preocupar com a instância suscetível de validar, até mesmo federar as diferentes iniciativas, abrindo-as umas às outras. Desse ponto de vista, a auto-suficiência engendra a auto-satisfação.

A instalação em projeto, solidificando o culto à identidade e à singularidade, acarreta um deslocamento do laço social que sucumbe sob o golpe das diferentes particularidades: cada um daqueles, através deste ou daquele comitê Théodule, brande sua própria bandeira identitária para fazer com que se respeite o que faz o papel de autarquia; tal posição não deixa de lembrar as perspectivas nominalistas que G. d'Ockham desenvolveu em sua época. Finalmente, em duas décadas, a universalização mortífera do estruturalismo parece ter sido substituída pela singularidade não menos mortífera do individualismo projetivo. Sob muitos aspectos, isso traduz uma crise do laço social, que se manifesta sob duas formas contraditórias: a sociedade se sente ameaçada pela escalada das diferentes particularidades e singularidades e pede para ser protegida de tal fenômeno. O indivíduo, por sua vez, aspira a ser protegido das usurpações cada vez maiores de um certo burocratismo e, portanto, dos riscos que esse burocratismo invasivo o faz correr.

e) Quinto desvio: o desvio procedural ou a obsessão tecnicista que encerra o projeto rapidamente esboçado em uma imposição de técnicas de elaboração, de operacionalizações, de acompanhamentos, de grades de avaliação, de utilização de organogramas, de quadros com dupla entrada. A imaginação criativa é subvertida, ao menos quando pode expressar-se pela criação de meios que tendem a camuflar a necessária gestão da incerteza, inerente a toda conduta de projeto que se queira inovadora. A relação dialética fim-meios no seio das condutas criativas deixa-se abolir, para garantir a preeminência dos meios governados pela razão instrumental.

f) Sexto desvio: o desvio totalitário ou o assujeitamento tecnológico. O projeto se apresenta como um conceito vago, apto a gerar a complexidade, a exemplo de outros conceitos, principalmente aqueles criados pelas ciências físicas que agora falam de caos, de aleatório, de catástrofe, de indecidibilidade. Ora, ele pode facilmente se deixar reduzir a um procedimento planejado, isto é, destituído do que faz sua especificidade, sua conotação flutuante, portanto humana; esse desvio ocorre sobretudo cada vez que há uma recusa em tolerar uma variação entre concepção e realização. Em nome de uma eficácia imediata, procura-se acomodar abusivamente a complexidade da realidade, com a qual o autor trabalha, à simplificação linguística das intenções que presidiram ao esboço do projeto.

assim, o fazer realizado é assujeitado ao ser anunciado sem que seja preparada essa inevitável relação dialética característica no seio da ação humana dos vínculos a serem estabelecidos entre perspectiva intencional e colocação em prática.

Esse desvio totalitário se verifica principalmente nos grandes projetos que não só assujeitam a realização à concepção, como também assujeitam o grande número de executores no seio do canteiro ao pequeno número de agentes centrais encarregados de seu plano. Seria nesse contexto que se deveria ressituar a frase de Cioran em *Despedaçamento*: "Todo projeto é uma forma camuflada de escravidão?"

g) Sétimo desvio: o desvio utópico ou o discurso autojustificativo. Esse desvio aparece quando o projeto deixa de se apoiar em uma utopia concreta reguladora da ação, torna-se ele mesmo pura abstração e transforma-se em promessa. Nesse caso, a elaboração se afasta da realização e considera para si mesma perspectivas inacessíveis, porque margela a utopia abstrata. O projeto se reduz, então, a um discurso ideológico, o qual busca mais defender um lugar social do que significar uma intenção inspiradora; por isso, deixa-se transformar em discurso vazio, aquele destas numerosas cartas de referência às quais recorrem as organizações em busca de legitimidade...

Condutas de projeto e contribuição a uma psicologia da ação

A fragilidade da figura do projeto se deve, principalmente, ao fato de que deve impedir o indivíduo de coincidir consigo mesmo; novidade feita simultaneamente de criação/destruição, ela pretende ser a expressão de múltiplos possíveis, mas jamais de possessão - a presença constitutiva se dá sempre sobre fundo de ausência fundadora. Ora, a cultura técnica dentro da qual evolui essa figura é justamente caracterizada por seu desejo de apropriação, de monopolização, de presença obsessiva. Essa fragilidade do projeto se revela ainda mais evidente porque ela se tornou hoje, em nosso meio sociotécnico, uma referência incontornável.

Para além de tal fragilidade, o interesse pelo projeto permite levantar elementos de compreensão em direção daquilo que se poderia chamar de psicossociologia da ação. Há várias décadas, os psicólogos se abandonaram às duplas delícias de uma psicologia da anterioridade e de uma psicologia da simultaneidade: a primeira, através das diferentes psicanálises, preocupou-se com o homem alienado porque estava doente de sua experiência anterior; a segunda, concretizada nas correntes da psicologia cognitiva, esforçou-se para formalizar os modos de identificação, de tratamento e de conservação das informações. É verdade que essas duas

psicologias lançaram algumas balizas em direção a uma psicologia da ação, a primeira trazendo uma contribuição inédita aos processos de idealização (Green, 1990) e a segunda se interessando pelos mecanismos decisoriais, apreendidos através da seleção e da hierarquização das informações julgadas pertinentes no conjunto das informações disponíveis (Fortin e Rousseau, 1989). Porém, finalmente, essa dupla contribuição a uma elucidação dos fundamentos da ação, por mais judiciosa que seja, permanece na periferia de uma psicologia da ação; esta última não pode ser apreendida senão em uma outra vertente epistemológica, aquela que, de um lado, submete os determinantes da história pessoal à possibilidade, para o ator dessa história, de pensar sua orientação ou sua reorientação e, de outro, subordina o tratamento estrutural das informações à sua utilização seqüencial com vistas a fins idênticos.

É a esta outra vertente epistemológica que nos conduz o projeto, aquela da indeterminação da ação que ele antecipa. Não se trata de negar os aportes da psicanálise, nem os da psicologia cognitiva; ao contrário, esses aportes essenciais devem ser integrados a uma psicologia da ação, mas, para as necessidades de nossa problemática, devem ser considerados como relativos em relação aos destinos do ator e de sua ação. Esses destinos remetem às escolhas que esse ator efetua, à experiência que interioriza no seio de uma prática, aos prazos que estabelece, à maneira como formula suas expectativas, gera suas aspirações e também seus êxitos e seus fracassos.

Diante da ação que contribui para esclarecer, o projeto levanta vários problemas de fundo cuja solução constitui as chaves de compreensão dessa ação:

- O problema da anamnese ou seja, da memorização e do acesso à memória para selecionar, escolher, decidir com conhecimento de causa; a anamnese remete à dupla questão da constituição da história pessoal e de sua restituição em vista de sua utilização.
- O problema da identificação e do tratamento das oportunidades espaciais através, igualmente, de uma dupla atitude paradoxal da parte do ator, atitude feita simultaneamente de implicação e de distanciamento.
- O problema da passagem obrigatória pela antecipação para agir; essa antecipação implica que o indivíduo defina para si um optimum de horizonte temporal, aquém e além do qual haverá disfunção, paralisia, seja por inibição em face de um horizonte próximo demais, seja por fuga em direção a um horizonte afastado demais e, por isso, inapreensível.
- O problema do vínculo entre intenção e materialização, através do mecanismo da explicitação, problema bem evidenciado no seio de

toda criação artística pelos críticos de arte quando tratam do disegno (Didi-Huberman, 1990). O recurso ao disegno busca definir a relação dialética entre o ainda-não-formulado e o materializado, relação característica do que constitui toda ação que se quer intencional. Por essa razão, o projeto é uma maneira de instaurar um vínculo sobre um modo dinâmico entre o não-formulado intencional e o materializado projetado, o que o crítico de arte H. Focillon exprimia a seu modo há várias décadas, em seu pequeno ensaio *Eloge de la main* (1943), quando dizia: "O espírito faz a mão e a mão faz o espírito", acrescentando um pouco adiante: "O gesto que cria exerce uma ação sobre a vida interior". Desse ponto de vista, a aniquilação do projeto ou sua impossibilidade virá de uma dissociação entre mão e espírito, entre materialização e intenção.

- O problema, enfim, da (autonomização do ator), isto é, de suas próprias capacidades de iniciativa em relação às imposições que pesam sobre ele. Levanta-se, então, a questão de saber se histórica e culturalmente essa autonomização se revela hoje mais efetiva do que ontem, se ela acompanha o que se chama de escalada da individualização; levanta-se em definitivo o problema da amplitude dessa autonomização: seria possível limitá-la a um simples efeito de superfície, expressando uma tendência ao voluntarismo e ao ativismo? Engaja, ao contrário, o indivíduo em uma capacidade para se decidir e para gerir as conseqüências de suas decisões através da seqüência de mudanças que o afetam e que afetam seu meio?

O projeto entre dois perigos

Além de seu uso abusivo, além das figuras patológicas que engendra na maneira como declina em seu interior as condutas de idealização, o projeto, essa propriedade tipicamente humana, tem o mérito de nos auxiliar a rever o estatuto psicológico da ação. Se essa pretende diferenciar-se de um simples comportamento adaptativo, recusa-se a se deixar reduzir a um encadeamento de atos, então qual é sua especificidade? Seria da ordem do conceito, tratando-se então de saber como ela se inscreve em uma dupla gestão do tempo e do espaço? E segundo quais características identificáveis e quais lógicas idiossincráticas que explicitam a originalidade das histórias pessoais ou coletivas em questão? Seria, ao contrário, da ordem de um paradigma, apontando como linha de fuga sempre questionada, jamais adquirida, essa capacidade de um ator individual ou coletivo de exercer sua autonomia, isto é, de existir? Sem dúvida, um pouco dos dois; a abordagem conceitual não poderia esgotar a capacidade humana de inventar, de inovar; a abordagem paradigmática insiste em uma

preocupação, em um desejo que bem poderia ser ilusório se ele não se desse a título provisório algumas referências conceituais.

Terminamos pela mesma questão que ocupara nossa liminar quando queríamos fazer do projeto mais do que um conceito. Porém, tratando-se da ação cuja problemática evidenciamos neste entretempo, deslocamos um pouco nossa resposta, colocando-a agora em uma oscilação permanente entre conceito e paradigma: o projeto estaria, pois, destinado a oscilar entre, de um lado, uma lógica do ator e da obra que realiza e, de outro, uma lógica da ação e da prática que a memoriza ao menos parcialmente. Tal oscilação pode impedir os desvios patológicos que hoje ameaçam as condutas de projeto quando se encerram em uma presença conceitual obsedante, isto é, em um retraimento ao tecnicismo, ao identitário e ao particularismo, ou então, quando elas cedem às tentações de uma ausência paradigmática próxima do inapreensível, deixando-se absorver por uma ou outra forma de alteridade.

Os desafios das culturas de projeto nos próximos anos, em uma época que vê a escalada dos perigos de todos os particularismos após o desmoronamento dos sistemas universalizantes, serão a criação dos meios, através dos projetos individuais ou coletivos promovidos, para fazer essa continua passagem entre a afirmação identitária e o reconhecimento da alteridade, evitando-se estas duas armadilhas: o encerramento e a dissolução.

NOTA

- 1 Utilizamos deliberadamente o plural *culturas de projeto*, pois a obrigação do projeto não tem absolutamente o mesmo sentido conforme os diferentes grupos sociais aos quais se dirige.

Liminar: do Conceito ao Paradigma

As condutas de antecipação se impõem hoje, em sua grande variedade, como um fato maior de nosso tempo. Suas figuras são múltiplas (projeto, previsão, planejamento...) e diversificam-se sob o impulso dos avanços científicos e tecnológicos. Esses favoreceram, há duas décadas, o recurso aos neologismos para traduzir sua ambição: prospectiva e futurologia permitiram, por exemplo, enriquecer os modos de designação do futuro que estavam até agora à nossa disposição através dessa preocupação de saber para prever; trata-se de explorar o futuro para domesticá-lo. Essa influência do futuro sobre nossas adaptações cotidianas só se compara a seu corolário, o domínio cada vez maior que tentamos desenvolver sobre o espaço terrestre e sideral para ordená-lo e habitá-lo melhor.

ENTRE CULTURA TRADICIONAL E CULTURA TECNOLÓGICA

Essa dupla preocupação, de um tempo prospectivo a ser dominado e de um espaço potencial a ser assujeitado, exprime os traços dominantes de nossa modernidade. Com efeito, sob latitudes variadas e até há pouco tempo, mesmo atualmente, inúmeros indivíduos levaram um modo de vida que poderíamos qualificar de tradicional, dominado pela sedentariedade e pela preocupação em conservar os valores culturais herdados do passado. Tal modo de vida revelava uma forte capacidade de in-

tegração, no seio do seu grupo, das faixas etárias, dos sexos e das categorias sociais.

Esses indivíduos, em suas comunidades, comportaram-se como pessoas do antiprojeto ou simplesmente como sem-projeto. Muitas vezes por fatalismo religioso, mostravam-se pouco desejosos de estarem ligados ao tempo, principalmente ao tempo futuro; revelavam, ao contrário, uma notável capacidade de viver e de simbolizar presentemente uma grande diversidade de relações humanas.

Em muitos países ocidentais, essa vida tradicional quase desapareceu, refluindo das cidades e dos vilarejos para se concentrar em algumas pequenas comunidades. Todavia, não é raro observar a persistência dessa vida tradicional perto dos grandes centros urbanos de inúmeros países do Terceiro Mundo, nos povoados de periferia, fronteiras entre dois universos.

Nesses lugares, os habitantes têm tempo para viver, conversar, fazer compras, resolver os problemas de vida coletiva, enfim, (conviver). Desse lugar de observação que constitui a artéria principal do vilarejo suburbano, pode-se ver, destacando-se e riscando o horizonte, a metrópole de múltiplas luzes que a água de um lago espelha. Que visão feérica aquela do centro da cidade com suas torres de vidro diretamente importadas de Manhattan, também iluminadas, com suas avenidas riscadas pelos clarões de carros que voltam do trabalho. Imagem fascinante de dois mundos que andam lado a lado pela força das coisas durante o dia e que se separam ao pôr-do-sol. De um lado, um tempo concentrado e precipitado vibra de múltiplas atividades; os "peles negras, máscaras brancas" continuam vivendo como mutantes culturais, arquitetando projetos de mobilidade profissional que os encaminham para os postos de responsabilidade. De outro, os "peles negras, máscaras negras" vivem um tempo dilatado; sentindo-se destinados a serem não-mutantes, querendo ou não, buscam na densidade do momento presente, à luz de suas lamparinas, razões para viver. Quando essas torres do centro da cidade irão descer até o vilarejo, aniquilar sua orgulhosa independência e obrigá-lo a viver diferentemente? Único vínculo entre a cidade e o bairro suburbano, a estrada que vem terminar seu asfalto na entrada do subúrbio e une, de maneira um tanto fictícia, dois mundos, duas maneiras de viver o tempo: um tempo poderoso, projetado para o que ele não é, preocupado com sua eficácia; um tempo enfraquecido, um tanto deixado de lado, mas que é cioso de seu presente e que vela por seus mortos.

Essa primeira imagem evoca uma outra, aquela de peregrinações através dos vilarejos do sertão que não precisam, como o vilarejo suburbano, de um cordão sanitário para se proteger da vida urbana e industrial. A vida tradicional permanece dependente do que a supera: a natureza e o capricho das últimas chuvas, os circuitos de comercialização problemáticos dos produtos agrícolas. Diante de um tempo irregular, concentrado,

agitado, ela mantém um tempo dilatado, quase imóvel: em resumo, tenta viver "diferentemente" o tempo sem querer precipitá-lo à sua vontade.

Com freqüência, as sociedades tradicionais não têm projeto, estando até mesmo fora de projeto, porque experimentam uma certa precariedade em seu modo de existência que as impede de antecipar. Essa precariedade não é própria apenas das sociedades tradicionais. Também é encontrada entre os excluídos e os marginais de nossas sociedades industrializadas: marginais e excluídos que também podem ser fora-de-projeto à medida que as imposições do momento presente os impedem de fazer o recuo necessário à antecipação.

Aliás, hoje ainda existe um meio tradicional homogêneo! Assim, o ensino fundamental, implantado em qualquer povoado, que produz um importado similar às nossas escolas européias, pretende operar nos alunos de forma a acolher uma ruptura em relação ao espaço e ao tempo de suas culturas de origem. Essa ruptura acarreta como conseqüência a introdução dos jovens escolarizados em uma cultura do projeto; antes de tudo, esses jovens devem aprender a saber o que farão mais tarde, a antecipar o que desejam para amanhã, mesmo que os acontecimentos recusem posteriormente, em grande parte, seus desejos.

Tudo isso não deve fazer com que lamentemos as sociedades sem projeto. Se a preocupação de coerência destas últimas é obsedante, ela não fica longe do caráter fascinante de nossas sociedades tecnológicas, as quais secretam projetos com o desenrolar do tempo. Portanto, o problema não é opor dois tipos de culturas, mas, sem dúvida, apreender o fio condutor invisível que nos permite passar de uma à outra.

UMA REFERÊNCIA HOJE OBRIGATÓRIA

Opondo-se às sociedades tradicionais, nossa cultura tecnológica fala cada vez mais de projeto: para se convencer disso, basta prestar atenção no vocabulário utilizado.¹ Pode-se certamente perguntar se isso propicia uma ajuda para os indivíduos na determinação de suas intenções. E, quando ele passa da fase de concepção à fase de realização, o projeto constitui um guia eficaz à ação, sobretudo quando se medem as variações, até mesmo as falhas, que separam o que foi projetado do que será concretizado na seqüência? O que acontece com o projeto de orientação ou de inserção dos jovens, do projeto de ordenação de uma região estabelecida em um esquema diretor, do projeto de desenvolvimento de uma nação estabelecido em um plano?

Poderíamos multiplicar as referências às situações concretas que recorrem ao projeto; em sua grande variedade, elas apresentam ao menos uma constante: muitas vezes, o projeto tem uma conotação positiva, pois aparece como naturalmente bom, de onde ocorre essa valorização

sistemática. O projeto faz parte daquela categoria de conceitos, tal como o de identidade, que abundam em nossa cultura lingüística, aureolados de positividade. Tais conceitos não podem ser compreendidos se, primeiramente, não se tomar o cuidado de elucidar seus subentendidos. Assim, pode-se dizer que, por si só, o projeto é mais do que um simples conceito. Por seus subentendidos, pela busca de idealização que ele encarna, transforma-se rapidamente em julgamento, afirmando o ganho, a vantagem que os indivíduos e os grupos entendem extrair dele. Desse modo, torna-se uma referência simbólica que comporta mais do que um simples valor antecipatório e regulador da ação, suscetível de ser delimitado metodologicamente. Tal como utilizado no contexto tecnológico atual, aparece primeiramente como um regulador cultural que implica uma abordagem antropológica. É essa abordagem que tentaremos aqui: ela deve permitir que identifiquemos as diferentes funções que preenche todo projeto em nossa cultura em relação ao que pode acontecer em outras culturas.

Falar de uma antropologia do projeto é, finalmente, interrogar-se sobre o modo como os indivíduos, os grupos, as culturas vivem o tempo.

Estamos em presença de um tempo entrecortado desde o aparecimento do objeto técnico? Esse, tanto em sua produção quanto em sua manipulação, desempenharia o papel de um acelerador do tempo linear. Ou, então, para além dessa fissura constatada, é possível encontrar uma certa unidade de tempo que não condene o tempo tradicional à ineficácia, o tempo tecnológico ao ativismo?

Pode-se finalmente perguntar se essa oposição entre um tempo de projeto e um tempo sem-projeto, hoje em dia acentuada, não foi um dado permanente das diferentes culturas que se sucederam. "O presente jamais me agrada; o futuro me deixa indiferente, só o passado me parece belo", escreve, por exemplo, (Fernand Gregh) em 1896 na *Revue Blanche*. Para ele, o tempo existencial, esse tempo vivenciado cada dia, atormentador, devorador, só pode evocar a inquietação de seu destino: acalmar essa inquietação ou fugir dela será feito de inúmeras maneiras. Quanto a ele, prefere refugiar-se em seu passado. Alguns permanecem sensíveis a esse tempo existencial que gruda na vida pessoal de todo indivíduo, quer queira, quer não. Outros preferem o tempo operatório, pois a vida apressa o homem. Esse tempo operatório que se casa tão bem com a cultura tecnológica não é, porém, o apanágio da era industrial. Há muito tempo, os homens se preocupam com o tempo eficaz no selo da ação a ser desenvolvida. E, paradoxalmente, a visão passadista de Gregh não foi precedida por outras perspectivas, mais futuristas. Assim (já Hesíodo) para conduzir bem os trabalhos dos campos, recomendava agir no momento certo e preocupar-se em executar as ações em uma certa ordem: "Quando surgirem as Plêiades, filhas de Atlas, comecem a colheita; quando elas se puserem, as sementeiras".²

Tempo existencial, tempo operatório são duas modalidades de um mesmo tempo, o tempo vivido. Sem excluir o primeiro, constatamos que hoje a cultura tecnológica privilegia o segundo. O que não deixa de nos interrogar: por que valorizar a esse ponto o tempo operatório e, através dele, o conceito do projeto? Que desafios encerra tal perspectiva? Em que, mais especialmente hoje, o projeto constitui uma referência obrigatória?

Seja como for, através das inúmeras mudanças de que somos testemunhas e, às vezes, atores, sentimo-nos sendo carregados em direção a um tempo prospectivo. E a melhor maneira de se adaptar a esse tempo é antecipar, prever o estado futuro. Esboça-se então o projeto, que se torna uma necessidade para todos, isto é, apesar de suas ambigüidades, um modo privilegiado de adaptação. Este deve evitar que os indivíduos caiam em uma ou outra das formas de marginalidade que os funcionamentos sociais da era pós-industrial produzem: a situação de "sem-projeto" ou, então, a de "fora-de-projeto".

MAIS DO QUE UM CONCEITO, UMA FIGURA EMBLEMÁTICA DE NOSSA MODERNIDADE

Apto a designar as numerosas situações de antecipação que suscita nossa modernidade, o projeto não deixa de ser essa figura com caracteres vagos expressando através do ainda-não-ser, para retomar a expressão de E. Bloch, o que os indivíduos buscam confusamente, aquilo a que aspiram, ou seja, o sentido que querem dar à sua inserção momentânea, aos empreendimentos que executam. Como delimitar essa figura destinada a permanecer sempre descontínua, já que se destrói pelo próprio fato de se realizar? Porém, paradoxalmente, ela só assume consistência ao se materializar, ao menos verbalmente: não há projeto senão através de uma materialização da intenção que, ao se realizar, deixa de existir como tal.

Além desse jogo paradoxal, devemos salientar a ambivalência que todo projeto encerra. Ele designa primeiramente uma classe de objetos muito atual: aquela dos objetos em evolução cultivados pela modernidade. Nesse sentido, o projeto pode ser definido como conceito dotado de propriedades lógicas a serem explicitadas em suas conexões com a ação a ser conduzida. Mas, ao mesmo tempo, o projeto aparece como figura que remete a um paradigma, simbolizando uma realidade que parece preexistir e escapar-nos: aquela de uma capacidade a ser criada, de uma mudança a ser operada. O projeto seria, então, o avatar individual e coletivo de um desejo primitivo de apropriação. Essa figura aparece constantemente como intermitente: toda realização do projeto se torna realidade e, portanto, destruição da figura que ele encarna. Esse projeto-figura, cujos contornos deveremos esboçar, na maneira como impõe um certo tipo de presença, remete sempre a uma (dupla ausência) a de uma ordem a eliminar e a

de uma ordem a fazer advir, ambas fruto dessa ausência fundadora que todo desejo expressa.

Assim, devemos retomar a questão da conotação positiva que cerca o projeto. A nosso ver, essa conotação sofre poucas exceções: citemos, todavia, a expressão antiga, mas pouco utilizada, do "homem de projetos", personagem hipomaniaco, ativista, descrito por diferentes autores, como Bossuet e Florian no século XVII e, mais próximo de nós, Sartre, Bataille e Cioran. Aqui, podemos compreender melhor a significação sobretudo valorizante do projeto, se correlacionarmos a figura que ele encarna com a expressão de um ideal que sempre é o produto do narcisismo inscrito no indivíduo ou na organização. Então, a figura que evocaremos poderá, conforme as circunstâncias, assumir diferentes significações: desde aquela de um simples avatar até aquela de um outro idealizado, ou melhor, sublimado, passando pela do substituto.

Portanto, pode-se dizer que o projeto oscila entre conceito e figura, expressando uma realidade supervalorizada pela cultura tecnológica e, ao mesmo tempo, uma idealização característica de que é feita toda condição humana? Essa indagação nos leva a questionar as razões que fazem com que conceito e figura coincidam tão bem no nível de nossa modernidade, como jamais aconteceu antes. Certamente, a modernidade é primeiro a expressão de uma herança, como bem mostraram G. Balandier (1974) e J. Habermas (1981). Compreender por que ela encontra no projeto um modo de expressão privilegiado é procurar trazer à tona toda uma arqueologia do projeto que nos mostrará facilmente dois desvios constitutivos dessa modernidade, expressos em duas utilizações contrastantes do projeto: um desvio racionalizante, que permitiu a lenta afirmação das condutas de antecipação, coisas de dominar cada vez melhor o futuro, e um desvio mais existencial, feito de interrogação sobre o sentido de uma evolução individual e coletiva e o tipo de finalidade que ele encarna, expressando, assim, uma busca inquietada de um ideal inacessível.

UMA REALIDADE A ELUCIDAR

Essa referência obrigatória às antecipações temporais e espaciais, próprias ao ambiente das sociedades tecnológicas, parece-nos também uma propriedade característica da ordem humana. Então, como dividir as coisas: simples reflexo da cultura moderna ambiente, sinal anunciador de um novo vínculo social, característica universal da condição humana através de uma utilização intempestiva e vaga de um conceito? Estamos diante de uma realidade que requer elucidação. Seria a mesma realidade que atravessa o projeto de orientação do jovem, o projeto de empresa, a gestão por projeto e o projeto arquitetônico? Que fios condutores podem ser isolados e identificados na variedade das situações de projeto? O projeto é um verda-

deiro conceito nômade que circula em diferentes registros? Finalmente, a questão que guiará o presente estudo é saber se, além das aparências, o projeto permanece tão nômade quanto se pretende.

Certamente se poderá invocar, para compreendê-lo, a individualização crescente dos comportamentos em nossas sociedades, especialmente desde o Iluminismo. Por outro lado, a fragilização do tempo vivido aparece como um outro fato igualmente incontestável e, sem dúvida, relacionado ao anterior: a ruptura com a herança passada, o caráter transitório dos compromissos, a cultura do imediatismo são seus traços marcantes, entre outros indicadores. A individualização das condutas e a fragilização do tempo devem ser correlacionadas a essa lenta emergência como preocupação dominante da figura do projeto, que tenta impor-se em inúmeras esferas de nossa existência e força-nos a questionar a significação de uma cultura feita simultaneamente de voluntarismo e de antecipação: antecipação de um espaço a ser ordenado, antecipação de uma sociedade melhor, antecipação de um indivíduo perfectível, antecipação de um tempo desejado; voluntarismo e antecipação se colocam a serviço da autonomia buscada pelo indivíduo e pelo grupo, ávidos de provar sua capacidade de gerir mudanças orientadas, em um meio turbulento. Esta é uma ambivalência perturbadora, ao menos tal como nos é dada a ver; o projeto, expressão do transitório e do efêmero, a serviço de realizações pontuais e eficazes, pretende ser ao mesmo tempo busca de permanência e de globalidade, busca de sentido através da explicitação de finalidades reguladoras não-sujeitas a revisões periódicas. A cultura do projeto se mostra então fragmentada e conflitual, mesmo que esse projeto se revele, na maior parte do tempo, uma figura valorizada com conotações amplamente positivas.

NOTAS

- 1 Dentre outros indicadores da atualidade do projeto, podemos lembrar o número crescente de referências bibliográficas que a Biblioteca Nacional registra em seus catálogos:
 - de 1882 a 1959: 4 referências;
 - de 1960 a 1984: 103 referências.

Tratando-se principalmente de:

- projeto pedagógico;
- projeto arquitetônico;
- projeto técnico-industrial;
- projeto econômico,

assim como do que se poderia chamar de metodologia do projeto (principalmente sua gestão e sua avaliação).

- 2 Cf. *Os Trabalhos e os Dias*, versos 383 e 384.